

Evocando Gilberto Mendes

Willy Corrêa de Oliveira

Mudei-me para Santos em 1958, e, uns dias depois, varejando a cidade, vi que havia muitos cinemas; ora, onde morava antes só tinha um cinema e meio, e só. Comprei o diário local para ver o que se passava nas telas, e ao lado dos anúncios, surpreendeu-me um raquítico comunicado do Clube de Cinema de Santos sobre a sessão do sábado seguinte. Genial. Corri para me matricular no clube; e, em conversa com o diretor, respondi-lhe que fazia música. Incontinenti ele falou-me de um dos sócios, músico também, e augurou que haveria de ser bom que nos conhecêssemos. Assim foi que, após a sessão de *L'École Buissonnière*, apresentou-me Gilberto Mendes. Falamos, ali no hall, cada um de si para o outro: e foi mais marcante que o filme de Le Chanois. Gilberto arrematou: “Se você tem um tempo, vamos até em casa, agora, e tomamos um café.” E saboreamos um bolo da Beni; e o Gilberto ao piano – transbordando-se (enquanto decifrava o acompanhamento de uma canção de Fauré) – exultou: “olha esse fá.” E era o fá, e era o amigo trescalando-se em música por todos os poros: Gilberto era um vaso comunicante com o olho d’água da fonte da música jorrando desde antes das eras, das culturas, fluindo desatadamente. Como um Adão (músico) de antes da árvore do Bem e do Mal. Era o princípio de uma grande amizade; assim disse Humphrey Bogart a Claude Rains no final de *Casablanca*.

O pulsar da paixão pela música (e suas verdades) em Gilberto Mendes era uma luz que eu pressentia, mas que não encontrara em ninguém antes de encontrá-lo. No ensejo daquela primeira visita, soube-o – num átimo – que me deparava com meu irmão gêmeo! E tão diverso de mim. E ao mesmo tempo só sangue corria nas veias de nossos espíritos. Embora: no meu irmão gêmeo, conceitos, limites, grades de racionalidades não tinham abrigo em sua mente. E no entanto, essas aflições sempre me transiram. Para ele, compor era um jardim de delícias; para mim: uma luta com o anjo. Enquanto eu me intrincava nos raciocínios, agoniado, e brandia os conceitos como lanças afiadas, o Gilberto era livre e alado como um pássaro. De outra maneira me sentia como o irmão mais velho: intransigente, cingido por teorias delimitadoras de confins precisos, ranzinza, opiniático, como quem só comeu dos frutos da árvore do bem e do mal.

Para ele, arte se confundia, amalgamava-se – plena – com o dom que tinha, à outrance, da alegria de viver. Esse dom fazia dele um ser tão leve e jovial: parecia flutuar. Vivia como S. Jorge, na lua. Em noites de lunitas claras é possível divisar pelas manchas da lua, o Gilberto e o Santo, cantando duetos, a lança como instrumento musical e a cuíca feita de couro de dragão. Divertem-se. Contagiantes o aprazimento de viver que ele emanava. Acredito que se originava na conjugação de música e alegria de viver, tal um labirinto, unção, o poder que tinha o Gilberto de, de tudo tirar leite e mel. Por exemplo: ele que tinha conhecimentos concretos de cinema como arte, que necessitava de Fellini e Bergman, que se maravilhara com o expressionismo alemão, deleitava-se igualmente (de verdade) com um musical de Fred Astaire. Se dizia “cinemeiro”: costumava ir 2/3 vezes ao cinema, por semana. Por Jane Fonda, ou pelos olhos de Marie Laforêt desvairava-se pelo filme; e Guendalina, então, “aquela boquinha que era um mimo de perseguida...” E nos recomendou entusiasticamente, que assistíssemos “Candelabro Italiano”: pelas imagens do Norte da Itália. (Herdamos dele esse filme).

De tudo, tinha o condão de tirar leite e mel. Com o mesmo deslumbramento escutava Hugues Cuénod em *Amarilli*, como Fred Astaire em *Cheek to cheek*. Incessantemente lograva conseguir o leite e mel indispensáveis para o bem viver. O viver

perene em aleluias propiciava a ele a leveza que se estendia por todo seu espírito criador (em tudo nada sisudo) e que via poesia onde muitos de nós não alcançamos enxergar para além da coisa em si, vista; ia ele caminhando, feliz *bricoleur*, a ajuntar objetos achados no caminho e arrematá-los, a gosto e com elas armar matérias de deleite.

A feição de viver (leve), flexível, como quem flutua, estava bem arrimada numa larga e sólida generosidade avessa às vaidades. Quando nos conhecemos, éramos, ambos, “compositores nacionalistas”, ainda. Algo depois, já fazia alguns meses que o Gilberto subia a serra semanalmente para ter aulas de composição com o Toni, em São Paulo. Volta e meia me exortava por conhecer seu professor. Um dia, me disse ter falado de mim ao Toni, e que o Maestro me aguardava para ouvir alguma coisa minha; e presenteou-me com duas passagens de ida e volta para que eu fosse ter com o Toni no dia pré-fixado. Tornei-me então discípulo do Toni (que, generoso como o Gilberto, me oferecia, além das aulas (gratuitas), dinheiro para as passagens, nas ocasiões em que não sobrara no bolso senão o lenço.

☞ *Não; escreverei, apenas, mais um pouco, para contar o triunfo maravilhoso da primavera, e como os campos se revestiram de um esplendor, cuja contemplação me abreviou tantas horas. A renovação anunciou-se pelo cheiro de enxôfre vindo da terra e do mar, hálito das fôlhas mortas ao decomporem-se. Os pássaros começaram a carregar pequenas hastes para construírem seus ninhos, e dois dias após os regatos exaustos engrossaram e cobriram-se de espumante murmúrio. As primeiras mariposas adejaram, como flores enlouquecidas, de um lugar para outro; no pôrto, as lanchas de pesca começaram a aparelhar, para irem ao encontro dos bandos de peixes que vinham dos mares quentes.* ☞

Aguardava o Gilberto que vinha à minha casa buscar umas partituras que me pedira emprestadas. Chegou em companhia do Zé do Peido, gravador e professor de desenho era irmão do Marcelino Vieira Dias, o escultor insólito. “Dá para vocês entrarem por três minutos?” Acenaram que sim. Liguei – incontinenti – a vitrola: queria que ouvissem um regalo de uma pequena peça renascentista lindamente cantada. Escutávamos enleados: súbito, o espaço foi violado por insuportável cheiro de ovo podre. Impaciência em pânico de sofrer até ao final da obra: incomportável, o insensato odor. Todavia! Antes de partir, as partituras sob o braço, Gilberto segreda-me, cuidadoso, ao pé do ouvido: o Zé era o autor da façanha, e aquela manhã – com ele ao lado – estava infecta: já padecera outros ataques dos petardos silenciosos e asfixiantes. A história não para aqui.

Nunca mais voltei a reencontrar o amigo Zé, face a face, sem que não me viesse à memória aquele atordoante feito sobre a cançoneta renascentista. Anos mais tarde, o Gilberto confessou-me, alacremenente, ter sido ele próprio o autor daquela silenciosa fermata dolorosamente acre. Numa visita ao Zé, o Gilberto já havia morrido, ocorreu-me contar-lhe por inteiro aquela tácita ovopodrina proeza sobre a pecinha da renascença, daquela manhã inolvidável (também para o Zé). Rimos às casquinadas até quase à morte. Valeu.

Arp vive ainda na Suíça, em Zuríque; é alsaciano; sua mãe é francesa. É um dos meus melhores amigos. Ilustrou dois livros de poemas meus. É um dos homens mais simpáticos que jamais conheci. Usa sapatos feitos especialmente para si em Ascona. Parecem pés de hipopótamos e têm lindo desenho em couro. As histórias que Arp conta são de graça irresistível. Os relevos que fez representam vegetações imaginárias solidificadas, e seus desenhos: bordados, chuva e o sono de insetos marinhos e dedos de cristal. O pintor Augusto Giacometti é idoso demais para ser um dadaísta genuíno. Declarou que DADÁ é a única alegria desua vida. DADÁ é conhecido no mundo todo. Tive oportunidade de observar por mim mesmo, no curso de uma viagem, que DADÁ é bem conhecido na Suíça como em Milão, em Veneza, Belgrado, Víncovtch, Bucarest, Jassz, Constantinopla, Atenas, Messina, Nápoles e Roma. Na Acrópole, um professor de Teologia me disse, agitando os punhos para a Vitória sem Asas, que Deus se vingaria de DADÁ e de todas essas idéias novidadeiras. Tive boas razões para acreditar que dissesse a verdade: apanhei um resfriado que me fez sentir-me deplorável durante três semanas.

Rememoro, nesse passo, alguns vistos e ditos do Gilberto que, devidamente assimilados, possam ajudar a aplinar o caminho até à sua obra: **I** Strawinsky foi, de longe, o compositor que mais compunha com o seu coração e mente. Venerava-o como a um espírito tutelar. “O dia que Strawinsky morrer, sempre me aflijo com isso, Willy, vou sofrer tanto quanto com a morte de minha mãe, juro.” **II** Das Sonatas de Beethoven, a que mais o comprazia era a op 14 n.º 2. Ouvi-o dizer isso em várias ocasiões (*con anima*): o espírito em sol maior. **III** A quinta sonata de Prokofiev, interpretada por Hans Graf, de tanto ouvi-la, a agulha quase vara até à outra face. **IV** Embora tenha sido o Gilberto o primeiro de todos nós a se abrir (por inteiro) para os novos compositores seriais, estava sempre disposto a empolgar-se com as obras (as mais engajadas) dos compositores soviéticos; e com toda a naturalidade envolvia-se abaladamente com a Pop Art, com Cage e a música conceitual, com o minimalismo. Leite e mel! **V** A novela PAN, de Knut Hamsun, ele a tinha, de coração. **VI** Sobre o piano, em seu estúdio, tinha um porta-retrato com a reprodução do Duetto – 1937, de Braque.

Às três horas da madrugada – havíamos combinado – encontraria o Gilberto no portão de sua casa. Para passar o tempo até a hora aprazada, fui ao Sujinho com o Roldão e o Jorge do Imposto de Renda jogar *snooker*. Pouco antes das três, despedi-me dos amigos, e ganhei a rua, atento, o coração na mão, à sorreita, precavido contra o encontro de soldados e policiais. Era o início de Abril de 1964. O pavor a cada minuto se esparramava mais e se insinuava por todos os lados: nas esquinas sombrias (de mau agouro), nas ruas cruas mal iluminadas, os presságios do calabouço latejando. Na Rua Goiás, afinal, divisei o Gilberto acostado ao portão. Horror. Não parecia ele; a cerviz curvada, o estertor nos olhos, o rosto parecia uma máscara de cera arrolhada de temor, os lábios espremidos, o pânico de quem morre morte dolorosa e súbita. Entregou-me um dos sacos, e segurou o outro às costas. Eram sacos de aniagem (para grãos) pesados de livros. Todos: livros de autores soviéticos e de estudos marxistas que ele tinha em sua casa. Imperioso livrar-se daqueles livros (o quanto antes, naquela hora: proibidos pelo Exército em 1964, equivalentes – no mínimo – a pesada pena de prisão, e outros tantos males insidiosos, insanos. Carregamos aqueles sacos por quase um quilômetro, em silêncio, na calada da noite até o terreno baldio que havia acolá do Anália Franco, na Ana Costa. Retornamos como dois mudos, mais o pesar do Gilberto de ter abandonado os livros ao relento, como se atirados ao lixo, empapados do orvalho do resto da madrugada. Estava mui deprimido. Aviltado. Com triste e breve meneio, agradeceu-me, e entrou (depressa) em sua casa. “A violência triunfa sobre a Terra. e tirano sucede a tirano” (Jeremias 51, 46).

Pressinto que estou prestes a concluir esse texto, e por nada nesse mundo deixaria de apor – mesmo que de raspão –, o quão imprescindível é dizer da irremediável, da insubstituível necessidade que o Gilberto tinha de viajar. Sem exagero. Era vital para ele, como a água para os peixes. Seu elemento. Viajando: sentia-se ziguezaguear em felicidade: como os peixes parecem bailar. Havia nele um sentimento arraigado de buscar o mundo de iluminações que lhe tinham narrado desde a infância, e que ele tomara como peças de sonhos que se podiam alcançar; tocá-las. E ainda uma impressão indelével de arquitetura como aura e alumbramento das lendas; e óbvio, como história (por suposto). *Flaneur*. Zanzar por ruas onde pessoas vivem em línguas diferentes, cantam em outros modos. Rever os museus que sabia de cor: cada quadrela onde pousavam suas paixões. Estar num sítio que ele conhecera desde um quadro célebre, numa fotografia ou filme; era como levitar; ou mesmo assistir um filme todo, por ver uma rua por onde flanara em uma de suas viagens – era como um verso sem reverso – de coroar soneto. Relembro que estava mofino quando nos contava a trabalhadeira que tivera para chegar finalmente a Casablanca: e lá não haver encontrado o bar de Humphrey Bogart, o *Rick's Café Americain*. Gorado, um desalento. Quem sabe, era nas viagens que ele ceifava os materiais musicais que diligenciava para compor. Tenho pra mim que sim. Viajar era – para meu amigo – uma outra instância de vivenciar a música (no espaço);

antes de modulá-la – de volta – para o tempo como projeto rapsódico de sons e gestas. Olhouvido. Acho que sim.

Envoi:

A você, Gilberto, que já fez a grande viagem para a terceira margem do rio, escrevo essas linhas, ainda desde a margem do lado de cá, como se minha escrivadinha estivesse a descoberto sob a neblina alumiada que cobria a pista do aeroporto de Casablanca, o rumor das hélices do avião de Ingrid movimentando-se para a partida, e adito nesta folha aqui a fala de Rick, o sotaque distinto e costumeiro de Humphrey Bogart, soando por um pálido sorriso: “– Louis, acho que esse é o começo de uma bela amizade.”

E rememoro o Clube de Cinema de Santos, aquele sábado: quando o Maurice nos apresentou.

E escuto mais uma vez você a imitar E. von. Stroheim – no filme de Jean. Renoir, a mão em concha próxima à boca, a bradar:

Boieldieu!

Boieldieu!

Boieldieu!

Um dos filmes que você mais amou.

NOTA:
este texto tem
origem no teste-
munho apalavrado
na Homenagem a
Gilberto Mendes:
Centro de
Pesquisa e
Formação SESC,
organizado por
Camila Fresca em
24 de Setembro
de 2022.
Ao Raphael
Puccini, agradeço
a digitalização
zelosa do texto,
e ao Paulo Vidal,
pela diligente
escolha dos tipos.